

Implicações metapsicológicas e clínicas da conceituação da sublimação na obra de Freud

Sissi Vigil Castiel

Núcleo de Estudos Sigmund Freud

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo pensar a respeito das diversas formulações freudianas a respeito da sublimação, a medida em que se trata de um conceito que não foi plenamente elaborado. Para tanto, se faz uma articulação com as diversas rupturas empreendidas por Freud no conceito de sexualidade. Além disso, trata-se de articular o conceito de sublimação com outros conceitos metapsicológicos e clínicos de maneira que se possa ampliá-lo.

Palavras-chave: sublimação; sexualidade; narcisismo; pulsão de morte, Eros.

ABSTRACT

Metapsychological and clinical implications of the sublimation concept in Freud's work

This report purposes an analysis concerning the different formulations of sublimation through Freud's work, since this concept was never totally elaborated. In order to do this as articulation with several ruptures undertaken by Freud over his sexuality concept was made. An articulation of the sublimation concept with others metapsychological and clinical concepts was also made in order to amplify it.

Key words: Sublimation; sexuality; narcissism; death instinct; Eros.

INTRODUÇÃO

A sublimação é um processo postulado por Freud através do qual se explicam as atividades humanas que aparentemente não tem nenhuma relação com a sexualidade, mas que encontram sua propulsão na pulsão sexual. Ainda que tenha sido um conceito muitas vezes citado por Freud não se trata de um conceito plenamente elaborado.

O interesse em realizar a presente investigação partiu desta constatação, o que remete a um retorno ao discurso freudiano sobre a mesma. Neste se notam diferentes concepções de Freud a respeito do processo sublimatório: primeiro em 1905, nos *Três Ensaios sobre a sexualidade*, a sublimação se caracterizava pela dessexualização pulsional, ou seja, haveria uma transformação da meta da pulsão, de forma que esta passaria de sexual a não sexual. Em um segundo momento, em 1914, no texto *Pulsões e seus destinos*, Freud afirmou que a sublimação seria um dos quatro destinos da

pulsão. Mais tarde, em 1932 em *Angústia e vida pulsional* disse que na pulsão sublimada haveria uma modificação na meta e nos objetos da pulsão.

Existem diferenças nas concepções freudianas a respeito do processo sublimatório e nem todas elas conseguem explicar as realizações humanas no plano da cultura. Algumas formulações freudianas permitem uma ampliação do conceito enquanto que outras o reduzem. Entende-se que as últimas definições de Freud (tanto a que coloca a sublimação como um destino pulsional como a que fala da modificação do objeto na sublimação) permitem uma caracterização mais ampla do conceito. Por exemplo, Freud caracteriza a sublimação em um primeiro momento como a passagem da meta sexual da pulsão para não sexual. Diante dessa afirmação surge a pergunta: como a pulsão deixa de ser sexual? E, por outro lado, se através desse conceito Freud pretendia explicar as realizações humanas no campo da cultura, como se poderia falar das criações humanas na ausência do sexual? Entende-se que a

conceituação da sublimação como dessexualização pulsional apresenta alguns impasses e a implicação disto é que o conceito não pode ser utilizado para o que se propõe.

Este trabalho tem como objetivo pensar a respeito das diversas formulações freudianas a respeito da sublimação, bem como articular o conceito de sublimação com outros conceitos metapsicológicos e clínicos de maneira que se possa ampliá-lo.

No que diz respeito à técnica analítica se pode perceber que Freud trata de diferentes maneiras a participação da sublimação na clínica psicanalítica. Em um primeiro momento, em *Conselhos aos médicos que exercem a psicanálise* (1912) entendia que não era indicado potencializar a sublimação na análise, já que se o paciente tivesse capacidade para sublimar suas pulsões isso já teria ocorrido de forma espontânea. No entanto, em um segundo momento, em *Esboço de psicanálise* (1940) ainda que de forma indireta coloca a sublimação como o destino da análise. Quanto mais se amplia a compreensão da sublimação, mais ela pode ser utilizada na clínica. A clínica psicanalítica impõe muitos questionamentos nos tempos atuais, pois vivemos em meio a uma crise da psicanálise como método terapêutico; isto por muitas razões, claro está. Contudo, é necessário que repensemos os mecanismos de que dispõe a clínica para que a psicanálise tenha um futuro como prática clínica. Por isso, também, o interesse em trabalhar o conceito de sublimação.

Na realidade, as modificações teóricas e a aplicabilidade clínica da sublimação dentro do discurso freudiano estão relacionadas às rupturas que Freud empreendeu em sua leitura do conceito de sexualidade. Quanto mais se amplia o conceito de sexualidade em Freud mais se amplia a possibilidade de compreensão da sublimação.

Da mesma maneira, os diferentes entendimentos de Freud sobre a noção de sexualidade implicam, também, em diferentes possibilidades de entendimento da formação da civilização, da ética e da técnica analítica o que também vai repercutir em diferentes possibilidades de compreensão da sublimação, tendo em vista que o conceito de sublimação dá conta de explicar as realizações humanas no plano da cultura.

A partir dessas indagações iniciais será feito um rastreamento das diversas leituras de Freud sobre o conceito de sexualidade, sobre o conceito de sublimação na obra de Freud segundo a ordem cronológica em que estes conceitos aparecem e a partir disso a articulação com outros conceitos metapsicológicos que lhes dão sustentação.

IMPASSES DA DESSEXUALIZAÇÃO PULSIONAL

Com efeito, Freud no início de seu trabalho estabeleceu algumas rupturas em seu entendimento da noção de sexualidade. Primeiramente, afirmando que a sexualidade ia mais além da questão da reprodução da espécie. Mais tarde, destaca o papel da fantasia na constituição da sexualidade humana. E, em 1905, nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* amplia o conceito de sexualidade, afirmando que o que é sexual é mais amplo do que é genital, além disso, postula a existência de uma sexualidade infantil. A estreita união entre a sexualidade infantil e a fantasia é o que permitiria pensar que o recalçamento da sexualidade (justamente pelas fantasias que a acompanham) é o que daria origem aos sintomas neuróticos.

A maneira como a sexualidade se manifestava nas neuroses era que existia um conflito psíquico entre dois grupos de representações que atuavam como forças de sentido contrário. As duas forças em conflito eram a sexualidade e uma instância repressora que compreenderia as aspirações éticas e estéticas da personalidade. O motivo do recalçamento residiria no fato de que as representações sexuais seriam inconciliáveis com o ego e geradoras de desprazer para este.

Mais tarde, em *A perturbação psicogênica da visão* em 1910 Freud deu um suporte pulsional à instância repressora: o conflito se estabeleceria entre as pulsões sexuais e as de autoconservação. Nesse sentido, nas neuroses as pulsões sexuais seriam recalçadas por enfrentar-se com as pulsões autoconservativas, daí provinha o sintoma. Então, dentro dos termos do conflito psíquico que se estabelece entre as pulsões sexuais e as de autoconservação seria necessária uma renúncia ao sexual, uma vez que este se oporia a conservação do sujeito.

Os termos do conflito explicam perfeitamente o porquê do recalçamento da sexualidade. No entanto, é como uma das implicações dessa renúncia ao sexual que surge o conceito de sublimação, que Freud define nos *Três Ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905) dizendo que a energia da pulsão sexual se desvia de seu uso sexual para outras finalidades, a medida em que a energia dos impulsos sexuais é necessária para as realizações do sujeito civilizado. Assim, a sublimação seria o que resta ao sujeito ante a insatisfação da pulsão. Nesse sentido, a sublimação coincide com o mecanismo do recalçamento, a medida em que atuaria na mesma direção que este. Nos dois processos o que está em pauta é que o sexual não pode aparecer. Ainda que Freud se utilize dos conceitos de recalçamento e sublimação para explicar processos diversos, da maneira como são descritos nesse primeiro momento, não

se pode diferenciar a sublimação do recalçamento da sexualidade, o que se torna um dilema para o conceito de sublimação.

Nessa mesma linha de entendimento, Freud afirmava que a formação da cultura se daria, também, através da renúncia ao sexual, ou seja, o domínio do sexual é o que possibilitaria o aparecimento do cultural. Em outras palavras, a cultura não seria uma criação do desejo e sim que se fomentaria por uma renúncia a ele. Essa visão de Freud a respeito da formação da civilização parte do princípio de que a satisfação da sexualidade se chocaria com as necessidades da cultura e por isso seria necessário o recalçamento da sexualidade. Em decorrência dessa restrição à sexualidade é que o sujeito sublimaria. Portanto, a tese de Freud sobre a formação da civilização está em conexão com sua concepção do processo sublimatório, no entanto indica uma concepção restritiva da cultura, pois coloca o fenômeno cultural vinculado a autoconservação e não à sexualidade.

A implicação deste postulado é a de que não é possível ver qual seria o prazer e a satisfação resultantes das realizações humanas, a medida em que as realizações no plano da cultura não teriam relação com o desejo e sim com sua restrição.

Dentro de uma perspectiva metapsicológica, a questão da satisfação presente na sublimação das pulsões se relaciona aos princípios do funcionamento psíquico. Nesse tempo dos desenvolvimentos freudianos, no *Projeto de Psicologia* (1895), Freud descreve o princípio do prazer vinculando-o com o princípio de inércia. Apresenta o prazer como ausência de excitação, descarga total: satisfação total da pulsão sexual, o que efetivamente não seria possível. O princípio de realidade, que está vinculado ao princípio de constância, compensa a tendência fundamental do aparelho psíquico, opondo-se a ela. Dentro desta concepção, a sublimação das pulsões não estaria relacionada a busca do prazer e sim estaria relacionada a uma progressiva passagem do princípio do prazer ao princípio da realidade, no sentido da renúncia ao sexual e ao direcionamento para outros objetivos não sexuais. Portanto, a satisfação decorrente das realizações humanas não faria parte desse entendimento freudiano da sublimação, já que não se sublimaria a pulsão para ter prazer e sim por uma restrição ao prazer. Dentro de uma perspectiva ética, o prazer estaria contra a moral. É pela imposição da regra moral que se precisaria renunciar a sexualidade.

Do ponto de vista da técnica analítica, seu objetivo consistia em delimitar como os representantes pulsionais se podiam conhecer para que através da tomada de consciência do desprazer que a satisfação do pulsional acarretaria ao ego, o paciente pudesse substi-

tuir o recalçamento pelo juízo de condenação. Esse entendimento da técnica cria uma situação paradoxal, pois: Que sentido teria o processo analítico se frente a verdade de seu desejo o sujeito ficasse em oposição ao prazer e, assim tivesse que desistir do desejo por uma questão moral?

Assim, a leitura do conceito de sexualidade neste primeiro momento de Freud permitia a ele explicar a partir do conflito psíquico que se estabelecia entre as pulsões qual era o papel do recalçamento na etiologia da neurose. A implicação disso na técnica analítica era a de que se precisava conhecer o conteúdo recalçado. Parece que estas construções teóricas e técnicas explicam muito bem este estado de coisas. No entanto, faltam elementos nestas construções para explicar o porque o sujeito cria e qual o papel do desejo na criação.

Por isso mesmo, nesse momento dos escritos técnicos de Freud ele pensava que não era indicado potencializar a sublimação do impulso como meta do tratamento analítico, uma vez que essa motivaria uma limitação da satisfação pulsional. Parece que justamente isso acontece porque a sublimação é entendida como uma restrição ao sexual, atuando no mesmo sentido que o recalçamento.

Dentro desse contexto, a problemática que se coloca para esta concepção da situação analítica é como realizar uma renúncia pulsional sem abdicar da posição desejante. Na verdade, essa é também a problemática desta definição de sublimação: como o sujeito pode renunciar a satisfação da sexualidade sem deixar de ser um sujeito desejante e a partir disso criar novas possibilidades de satisfação. Este é o paradoxo que este primeiro entendimento freudiano da sublimação, não consegue resolver.

Outro dilema da compreensão da sublimação como transformação dos objetivos sexuais em não sexuais, está justamente em qual é o critério que se utiliza para conceber o modo não sexual. O que fica difícil caracterizar na concepção freudiana é exatamente que uma meta não seja sexual. Dificilmente um objetivo não seria sexual, poderia se dizer que não seria descarregado diretamente através do objeto sexual, mas mesmo assim, não deixando de ser sexual. Portanto, quando Freud diz que na sublimação a meta sexual se torna não sexual não estaria ele mesmo reduzindo seu próprio conceito do que é sexual?

O que fica em relevo na transformação dos objetivos sexuais em não sexuais é uma visão normativa do processo sublimatório como se esse fosse um conceito moral. O risco é de esquecer-se que esse é, em especial, um conceito metapsicológico que abarca a mudança de um nível de funcionamento psíquico a outro e não a passagem a um nível mais elevado da hierarquia de valores.

Contudo, observamos que, um pouco mais tarde, nos textos em que Freud correlaciona a sublimação a arte (mas que se encontram, ainda, no mesmo período de tempo em que Freud definia a sexualidade como algo de que o sujeito deveria se defender), começam a colocar-se em evidência outros aspectos distintos dos que se haviam priorizado até agora, podendo aparecer mais a singularidade da sublimação como processo psíquico.

Em *Criações Literárias e Devaneio* (1908) Freud põe como partes importantes da sublimação, a criação e a imaginação tomando a sublimação como uma maneira de utilizar o pulsional no sentido do prazer. Dessa forma, percebe-se que neste texto já há subjacente uma outra concepção do princípio do prazer por parte de Freud, onde não há a vinculação deste com o princípio de inércia, ou seja, prazer não é mais a descarga total da pulsão como anteriormente, formas alternativas de satisfação de um desejo, também, significam prazer.

Isto possibilita articular de forma distinta a relação da sublimação com o princípio do prazer, a medida em que há a possibilidade de ver-se no ato sublimatório a capacidade de obter prazer com o pulsional, de forma indireta, através de uma construção simbólica.

O que seria a marca da sublimação neste texto é que o destino que o sujeito dá para a insatisfação pulsional pode ser da ordem da sublimação, ou seja, a transformação do desejo sexual em algo que proporciona prazer através de uma construção simbólica e não a desistência do desejo. Portanto, neste texto, a singularidade da sublimação como processo psíquico começa a aparecer, a medida em que a sublimação seria a satisfação de um desejo em outro contexto, através de outros objetos.

Já no trabalho sobre Leonardo da Vinci em 1910, Freud define a sublimação com a passagem direta da pulsão perverso-polimorfa para a criação de um objeto. Diz que a pulsão é sublimada desde o começo, portanto o recalçamento não afeta a sublimação, ou seja, a pulsão perverso-polimorfa se transformaria através da criação sublimatória em outro objeto, diferenciando a sublimação do recalçamento. Quando se diz que a pulsão se transformaria em outro objeto, está se falando que além da mudança da meta, na sublimação, há também uma modificação do objeto.

Portanto, nos textos que vinculam sublimação à arte começam a aparecer novos elementos à conceitualização da sublimação, tanto no que diz respeito a sua diferenciação do recalçamento, quanto no que se refere a modificação do objeto na pulsão sublimada. Entende-se que é fundamental pensar na mudança de objeto como uma parte importante da conceitualização da

sublimação. Pois, quando se fala da mudança da meta de sexual a não sexual se está aproximando a sublimação do recalçamento, já que há uma desistência do desejo. Por outro lado, quando se fala de modificação do objeto no processo sublimatório, se está falando de que quando o desejo não pode ser satisfeito através do objeto original, sublimar teria que ver com a constituição de novos objetos de satisfação.

Todas essas novas possibilidades de entendimento do processo sublimatório, ficam apenas indicadas por Freud nos textos acima citados, porque são necessários conceitos posteriores e uma nova leitura da noção de sexualidade para abrir mais o conceito de sublimação. Assim, passamos a tratar desses novos conceitos.

NOVAS ARTICULAÇÕES À TEORIA DA SUBLIMAÇÃO A PARTIR DO CONCEITO DE NARCISISMO

Com a postulação do conceito de narcisismo, o ego passa a ser também penetrado pela sexualidade. A dialética em 1914 ocorre entre o investimento do ego e o do objeto. Assim, os dois grupos de pulsão são sexuais e o ego não é somente o agente da autoconservação do sujeito, da espécie e da razão. A função de adaptação do ego fica questionado, já que o ego está penetrado de sexualidade e, desta forma, também regulado pelo princípio do prazer.

A implicação destes postulados para o conceito de sexualidade é que esta passa a ser pensada em uma perspectiva mais além de algo que o sujeito precisa se defender. Passa, então, a ser algo que pode auxiliar na conservação do sujeito.

Com isso, a forma de entender a ação ética do sujeito se altera em Freud. Esta passa a ser pensada a partir da idéia de até que ponto o sujeito pode sair de seu narcisismo e investir em objetos diferentes de si mesmo, a alteridade. Segundo esses mesmos princípios se formaria a cultura.

Com relação a sublimação, a hipótese de uma dessexualização pulsional fica empobrecida, pois a conservação do sujeito está investida de sexualidade. Contudo, as postulações de Freud em *Introdução ao Narcisismo* permitem que se possa pensar em algumas ampliações no conceito de sublimação. Freud fala nas relações da sublimação com as instâncias ideais, permitindo-nos vincular a sublimação à saída do narcisismo e do ideal de ego.

Em um primeiro momento, o sujeito estaria capturado pelo objeto que o completa, portanto em uma perspectiva narcisista e de ego ideal. Com a possibilidade da saída da captura narcisista, o sujeito se abriria a outros objetos, a alteridade, tendo ideais que transcendem a si mesmo (ideal de ego). Então, é pos-

sível pensar que sublimar as pulsões se relacionaria a constituição de novos objetos para as pulsões que estejam além do ego ideal e da captura narcisista. Assim, a sublimação teria relação com essa passagem do narcisismo à alteridade, onde a transformação do ego ideal em ideal de ego é imprescindível para que a pulsão possa ser satisfeita através da relação do sujeito com a cultura.

É em função desses aspectos que se pode entender porque em *Pulsões e Destinos de Pulsão* (1914), Freud coloca a sublimação como um destino mais evoluído e posterior ao recalçamento. É mais evoluído porque se trata de uma realização pulsional e não de uma impossibilidade de satisfação e de realização como o recalçamento. É mais evoluído também porque não é o recalçamento que põe em marcha a sublimação, essa é posterior ao recalçamento no sentido de que é posterior a formação do ideal de ego, que, por sua vez, condiciona o recalçamento. No entanto, será necessário que o sujeito esteja no registro do ideal de ego e não do ego ideal para que consiga sublimar suas pulsões, no sentido de que não esteja capturado pelo objeto que o completa e pelos quais a pulsão se satisfaz.

Desde o ponto de vista da técnica analítica, se a sexualidade está também no ego além de estar no inconsciente quando o paciente repete na transferência, não está empenhado em recordar, já que a satisfação que o ego obtém é através da repetição, posto que o ego está investido de sexualidade. Essa constação de Freud parece que motiva a pergunta sobre qual é o papel do ego no processo analítico. Em outras palavras: seria possível ao analista contar com o ego na tentativa de recuperar a representação recalçada, já que o ego é parte interessada na repetição? Assim, fica questionado o ego como lugar de retificação das fantasias sexuais. Desde o ponto de vista terapêutico, de nada serviria o conhecimento do ego da representação sexual recalçada, uma vez que o ego se encontra implicado neste processo. Assim, entendemos que neste momento dos desenvolvimentos técnicos de Freud há algumas indagações que serão resolvidas mais tarde com o papel mais destacado que lhe dará a transferência. Podemos dizer que os conceitos aqui desenvolvidos fundamentam as ampliações que foram realizadas em 1919, por ocasião da segunda teoria das pulsões.

A SUBLIMAÇÃO E A SEGUNDA TEORIA DAS PULSÕES

Em 1919, em *Além do Princípio do Prazer*, Freud formula sua nova teoria das pulsões, opondo as pulsões de morte às pulsões de vida. As primeiras referindo-se ao que está desligado no psiquismo, ante-

rior a instalação do princípio do prazer. As pulsões de vida referindo-se ao que está representado e funcionando sob o domínio do princípio do prazer.

Com o postulado de Eros como a classe pulsional que abarca o sexual, a leitura que Freud fazia do conceito de sexualidade se amplia em vários aspectos. Freud diz que a sexualidade é o que se opõe a morte. A sexualidade, na segunda teoria das pulsões atua no sentido da vida e não contra ela.

A implicação da postulação de Eros é a de que o psíquico vai se organizar eroticamente em duas vias de existência: uma como sexualidade e outra como sublimação, ou seja, a sublimação é uma forma de manifestação de Eros, portanto, de sexualidade ainda que se realize através de outros objetos não diretamente sexuais.

A partir disso pode-se entender que a sublimação é o destino da pulsão sexual que se realiza no campo da cultura e da alteridade, não deixando por isso de ser sexualidade. O desejo faz parte do que é sublimado, contudo será satisfeito a partir de outros objetos que serão constituídos. Nesse entendimento não está em questão deixar de desejar, a posição desejante permanece e a sublimação consiste no destino que se dá ao desejo que não pode ser satisfeito diretamente, criando novas possibilidades de satisfação, através de novos objetos no campo da cultura.

A implicação deste postulado é que a questão da transformação do objeto na sublimação surge com muito mais clareza. É a partir da postulação de Eros que Freud pode afirmar em *Angústia e Vida Pulsional*, uma das conferências de 1932, na sublimação modificam-se a meta e o objeto da pulsão.

Dentro de uma perspectiva ética, se estabelece uma outra maneira de pensá-la: a questão da singularidade. Diante do desejo, quais são os caminhos possíveis para o sujeito. Isso é individual e singulariza o sujeito, o diferencia dos demais. Esse entendimento da ética é proposto por Lacan que a define com a ética do desejo.

Dentro de uma perspectiva metapsicológica, durante a vigência da segunda teoria das pulsões, Freud vincula o princípio do prazer ao princípio da constância em *Além do Princípio do Prazer*. Isto dá a possibilidade de se pensar que a característica do princípio do prazer passa a ser a tendência a redução da quantidade de excitação, característica do princípio de constância e não mais a descarga direta característica do princípio de inércia. Assim buscar a realização de um desejo em outro contexto também pode significar prazer. Desta maneira, as postulações freudianas de 1919 permitem que se entenda a vinculação da sublimação com o princípio do prazer a medida em que esta não está em oposição a este princípio. Assim se pode entender a

satisfação presente nas realizações humanas. A postulação de Eros permite supor que a civilização se forma a partir do desejo e não de sua restrição.

Do ponto de vista da relação da sublimação com a realidade, uma formulação de Freud feita em *A Negação* (1924), possibilita esclarecer melhor esta relação. Neste texto, Freud afirma o que orienta a relação com a realidade não é a objetividade desta, senão a busca de um objeto que esteja simbolicamente conectado ao objeto original e a partir daí obter satisfação. Com todas as conseqüências que advém desse fato: de que nem sempre o objeto capaz de satisfazer o desejo é possível. Assim se tornam necessários contornos em relação ao objeto original, no sentido da busca de outros objetos simbolicamente relacionados a ele. Essa seria a vinculação da sublimação com o prazer e a realidade.

Nessa linha de entendimento Birman (1999) toma o conceito de desamparo formulado por Freud no *Mal Estar na Civilização*. O autor afirma que o sujeito é marcado pelo desamparo, em função disso existe um limite no que diz respeito ao que se pode esperar do outro. Por outro lado, há um limite nas próprias possibilidades de representação da força pulsional do sujeito. Dessa maneira, o sujeito pode constituir caminhos para que as forças pulsionais encontrem percursos de satisfação no universo psíquico e no campo da alteridade. Isso indicaria a sublimação das pulsões. Entende-se que a partir do desamparo do sujeito, sublimar as pulsões seria buscar novas possibilidades de simbolização para constituir-se como singularidade.

Desde o ponto de vista da técnica analítica, a definição da pulsão de morte coloca o processo analítico em uma vertente predominantemente econômica, em que seus fundamentos são reordenados. A análise passa a referir-se a duas classes de atos psíquicos: ao conteúdo representado e que, por isso pode tornar-se palavra e, por outro lado, a outra dimensão de eventos psíquicos que ainda não se acham inscritos e que só poderão articular-se como palavra, pertencentes a uma cadeia simbólica, pelo caminho da transferência.

Os postulados finais de Freud com respeito a técnica analítica foram realizados em *Análise Terminável e Interminável* (1937) e em *Esboço de Psicanálise* (1940). Nos mencionados textos fala sobre os efeitos da pulsão de morte, apresentando-a como o elemento mais poderoso relativamente ao êxito da análise. Por outro lado, em *Esboço de Psicanálise* coloca, ainda que de forma indireta, a sublimação como meta da análise.

Para que se possa articular o conceito de desamparo com a participação da sublimação na análise se passa a referir novamente uma formulação de Birman (1997). O autor afirma que a psicanálise é uma estilística da existência, pretendendo abrir possibilidades de

destino ao sujeito. Nessa estilística da existência, sua pretensão seria de regular o sujeito nos registros éticos e estéticos sob a forma de abertura de possibilidades. Para Birman esta seria a participação da sublimação na clínica: como um destino possível para as forças pulsionais.

Entende-se que as implicações na técnica dos postulados aludidos é que o analista é o outro que se coloca como objeto para que as forças pulsionais possam simbolizar-se. Dentro desse contexto, a análise implica que o analista junto com o analisando possam constituir destinos para as forças pulsionais e inscrevê-las no universo da simbolização. Isso seria sublimar as pulsões. A formulação final de Freud sobre a técnica analítica, possibilita uma maneira mais ampla de entender a participação da sublimação na clínica.

Concluindo essa exposição entende-se que ao longo do discurso freudiano são possíveis diferentes articulações para o entendimento do processo sublimatório. As postulações iniciais de Freud a respeito do conceito de sexualidade e a partir disso o entendimento da formação da civilização, da ética e da técnica analítica permitem explicar perfeitamente bem a formação do inconsciente e o recalçamento da sexualidade. Contudo, dentro dessas formulações teóricas o que seria sublimar as pulsões não fica completamente bem explicado. São necessários conceitos posteriores (narcisismo, pulsão de vida e de morte) em Freud para que se possa entender o conceito de sexualidade desde uma outra perspectiva e assim se possa falar de sexualidade sublimada, podendo com isso falar também da satisfação presente na sublimação e da repercussão desse entendimento como abertura de possibilidades na clínica psicanalítica. Da mesma maneira, existe uma linearidade dos conceitos recém-citados com a visão final de Freud sobre a técnica analítica que permitem compreender esta como uma ética relacionada a transformação do pulsional no sentido de possibilidades singulares do sujeito frente ao próprio desejo.

REFERÊNCIAS

- Birman, J. (1999). *Mal-estar na atualidade: A psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Birman, J. (1997). *Estilo e modernidade em psicanálise*. São Paulo: Editora 34.
- Freud, S. (1908; 1994). La moral sexual y la nerviosidad moderna. In *Obras completas* (Vol. 9). Buenos Aires: Amorrortu.
- Freud, S. (1910; 1994). A perturbación psicógena de la visión según el psicoanálisis. In *Obras completas* (Vol. 11). Buenos Aires: Amorrortu.
- Freud, S. (1910; 1994). Un recuerdo infantil de Leonardo Da Vinci. In *Obras completas* (Vol. 11). Buenos Aires, Amorrortu.
- Freud, S. (1920; 1994). Más allá del principio del placer. In *Obras completas* (Vol. 18). Buenos Aires: Amorrortu.

- Freud, S. (1925; 1994). La negación. In: *Obras completas* (Vol. 19). Buenos Aires: Amorrortu.
- Freud, S. (1932; 1994). Angustia y vida pulsional – Nuevas conferencias de Introducción al Psicoanálisis. In *Obras completas* (Vol. 22). Buenos Aires: Amorrortu.
- Freud, S. (1937). Análisis terminable y interminable. In *Obras completas* (Vol. 23). Buenos Aires: Amorrortu.
- Freud, S. (1940; 1994). Esquema del psicoanálisis. In *Obras completas* (Vol. 23). Buenos Aires: Amorrortu.
- Freud, S. (1895; 1994). Proyecto de psicología. In *Obras completas* (Vol. 1). Buenos Aires: Amorrortu.
- Freud, S. (1912; 1994). Consejos al médico sobre el tratamiento psicoanalítico. In *Obras completas* (Vol. 12). Buenos Aires: Amorrortu.
- Freud, S. (1914; 1994). Introducción del narcisismo. In *Obras completas* (Vol. 14). Buenos Aires: Amorrortu.
- Freud, S. (1915; 1994). Pulsiones y destinos de pulsión. In *Obras completas* (Vol. 14). Buenos Aires: Amorrortu.

- Freud, S. (1893-95; 1994). Sobre la psicoterapia de la histeria (Freud) – Estudios sobre la histeria. In *Obras completas* (Vol. 2). Buenos Aires: Amorrortu.
- Freud, S. (1905; 1994). Tres ensayos de teoría sexual. In *Obras completas* (Vol. 7). Buenos Aires: Amorrortu.
- Freud, S. (1908; 1994). El creador literario y el fantaseo. In *Obras completas* (Vol. 7). Buenos Aires: Amorrortu.

Recebido em: 14/10/2003. Aceito em: 06/10/2005.

Autora:

Sissi Vigil Castiel – Presidente do Núcleo de Estudos Sigmund Freud e Doutora em Psicologia pela Universidade Autônoma de Madri.

Endereço para correspondência:

SISSI VIGIL CASTIEL
Av. Iguaçu, 165/204 – Petrópolis
CEP 90470-430, Porto Alegre, RS, Brasil
Fone: (51)3338-4511
E-mail: scastiel@terra.com.br